

MAGRE VIVA

Director: ANTÓNIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO III — N.º 118 — Preço 5\$00 — 17/10/78

ASSEMBLEIA MUNICIPAL FREGUESIAS E ORÇAMENTOS

Reuniu extraordinariamente na última sexta-feira a Assembleia Municipal.

No período de antes-da-ordem-do-dia, foi feita a sugestão à Câmara de esta oficiar a Junta Autónoma das Estradas no sentido de se proceder à pavimentação em asfalto da E. N. 109 à saída norte de Espinho desde a subida da Tabuaça ao Juncal, isto por causa do péssimo estado do piso existente que tem provocado numerosos acidentes.

Um dos temas mais debatidos neste período de antes-da-ordem-do-dia liga-se com as deficientes instalações da GNR local e a necessidade de aumento dos seus efectivos pedido pelas freguesias. A não inclusão deste ponto na ordem de trabalhos não impediu que a discussão se prolongasse como se houvesse que tomar decisões. E foi então que o S. Adão Loureiro, num rasgo de brilhante eloquência terá afirmado que «se for fazer o que se está aqui

continua na página 2

PESCADORES DE ESPINHO

A COMPANHIA DE VIVA VOZ

Os adjectivos estão gastos. Fala-se em campanha e diz-se pitoresco, que típico aquilo é, os bois a puxar a rede, os homens correm praia abaixo, as peixeiras esperam o momento de comprar o peixe, a gente da zona estende-se lá por cima a olhar e comentar.

— Quer que lhe fale do que tem sido a nossa vida de pescadores? Para lhe contar o quê, só se for a



miséria que a gente tem passado, o que nos têm explorado.

— Houve muita gente interessada em levar isto para uma cooperativa mas os pescadores em si não estavam mentalizados para isso. Porque isto aqui sempre foi uma grande exploração, e houve a chance do 25 de Abril mas os pescadores não souberam aproveitar e foram mais uma vez explorados pelos ditos senhores cá da terra.

O resto, as outras histórias que recolhemos, e muitas ficam por contar, estão na página 6. Uma página sobre os pescadores de Espinho.

"OS HOMENS ACABARAM"

O barco visto no mar parece tão pequeno aos olhos de quem o olha em terra! Mas lá próximo, medindo com os olhos a frágil embarcação, é que nos apercebemos do que é pescar naquelas condições. Histórias de desastres, naufrágios e perigos iminentes não faltam, nem as lendas das valentias de ma-

rinheiros arrojados. «como hoje já não há», diria um dos homens da companhia, o timoneiro do barco:

— Os homens de respeito acabaram. Isto é uma canalhada que não quer trabalhar. Muitos abandonam isto sem cumprirem o contrato e vão trabalhar para as fábricas. E se eu e os camaradas queremos trabalhar sozinhos não podemos depois levar o barco para o

continua na página 8

DE SEMANA A SEMANA OS QUE VENCERAM O MEDO

«Não tenhas dúvidas! Se o Humberto Delgado fosse vivo hoje, era um democrata, está certo, mas andava lá pelo PPD ou CDS. Não julgues que era um revolucionário nem um comunista, ou sequer um socialista... É preciso entendê-lo no tempo e na situação em que viveu».

Eu não conhecia muito sobre a figura do general quando ouvi a um amigo meu, em meio de conversa, estas palavras. Estarão correctas, talvez. Mas não completas: será injusto analisar de modo tão sumário uma figura que fez história e, por isso mesmo, morreu às mãos da PIDE.

As mãos da PIDE só morria quem, de algum modo, ameaçava o regime. E quem era corajoso.

É de coragem renegar um regime como o salazarista, apoiado na corrupção, na perseguição, no medo. É de coragem romper decididamente com um passado de compromisso e de apoio às forças da ditadura, num tempo em que as «traições» se pagavam caro.

É de coragem saber dar

voz a todo um povo que esperava o momento de descer à rua e gritar que não queria. Como em 1958.

É de coragem «obviamente demiti-lo» e lavar assim, sem apelo, a própria sentença de morte.

Entretanto, Humberto Delgado é também a parte visível e mais conhecida de uma multidão, de tantos que, como ele, foram assassinados, ou presos e torturados, ou destruídos em vida. Todos eles também corajosos, também sem medo. Comunistas, socialistas, democratas.

Por isso o julgamento do «processo Delgado» deverá ser mais do que a merecida justiça para o general que não esqueçamos. Deverá ser a merecida justiça para todos esses que, mais ou menos anónimos, lutaram sem tréguas, sofreram a PIDE e não tiveram ainda o seu processo. Todos esses que nunca desfaleceram. Que abriram caminho ao 25 de Abril. Que, afinal, aclamaram Delgado na rua e lhe deram os votos nas eleições que ganhou.

JOÃO FÉLIX EXPLICA A SUA EQUIPA DE JUNIORES PÁGINA DO DESPORTO

Despejo «à porrada»

— Tudo começou já há uns meses, quando sem mais nem menos uns vizinhos nossos começaram a fazer da nossa vida um inferno. É um verdadeiro terrorismo que nos têm feito, com insultos, ameaças e até, porrada.

Porrada?

— Sim, porrada, olhe que é verdade. Nós morávamos lá na casita, no quintal e eles que vivem na casa maior e até estão lá há menos tempo, nós já estamos há oito anos, começaram a tratar-nos pior que sei lá o quê. Cortaram-nos a água, impediram-nos de ir lavar ao tanque, faziam-nos esperar para nos insultar e bater quando íamos para casa e acabaram por mudar a fechadura da porta para não podermos entrar. Entrar na nossa própria casa.

E o senhorio?

— Eu tenho a renda em dia, pode ver, até tenho aqui o recibo de Outubro. Ele não se dá por achado, mas sabe

bem do que se passa e se não concordasse já podia ter falado aos outros inquilinos. O certo é que se nós abandonarmos a casa por nossa decisão ele não tem que nos pagar a indemnização. Por isso, até chego a pensar que é tudo combinado e os outros inquilinos prestaram-se a fazer este lindo trabalho para tirar qualquer proveito, talvez a promessa de que poderão continuar a viver na casa.

E como é que vocês ainda conseguem lá entrar?

— Não que nós já lá não moramos. Tivemos tanto medo com tudo o que nos fizeram que fomos obrigados a deixar a casa e ir para o parque de campismo no mês de Setembro. E agora alugámos dois quatinhos ali na rua 4. São duas rendas, a da casa que ainda pagamos, até porque temos lá as nossas coisas, embora a gente não possa lá entrar, e a dos quartos. Outro dia o meu filho foi lá a casa

buscar umas coisas e teve de saltar pelo muro, mas o senhorio já o ameaçou por causa disso.

E não apresentaram nenhuma queixa contra tudo isso?

— Queixas, quantas já lá estão, na Policia cá de Espinho e no Comando de Aveiro. Tem graça que o outro inquilino que nos persegue até é guarda da PSP. E estamos esperançosos que isto se resolva, em Aveiro disseram que o assunto ia para tribunal. Mas já nem sabemos que pensar, coisa desta nunca se viu, o terrorismo que eles fazem connosco para nos levar a deixar a casa.

Ela, viúva, de idade, reformada. Ele, o filho, operário metalúrgico. Dois personagens numa estranha história, onde o incrível se confunde com a dureza da realidade da vida numa sociedade onde ter casa pode até ser razão para perseguição feroz.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

continuação da página 1

a fazer estamos a fazê-lo», referindo-se evidentemente à tomada de posições sobre o assunto. Quanto ao actual posto da GNR ele foi classificado pelo sr. Baptista, Presidente da Junta de Paramos de «pardieiro de ciganos»: noutra altura o sr. Baptista ameaçou retirar-se da sessão por causa de alguns sorrisos que se desenharam na Assembleia quando terá afirmado, no tom acalorado que lhe é peculiar, que as freguesias são votadas para segundo plano e

que, sem se proceder ao policiamento das zonas, seria optar por deixar que os habitantes se «matassem uns aos outros» e se aquilo era «só laracha» ele não estava para ficar a fazer «figura de urso». E, no fim de tudo, as coisas seguiram o rumo normal: só o plano de actividades poderá contemplar a construção de um novo quartel para a GNR com instalações que correspondam minimamente às necessidades de trabalho e de aumento de efectivos.

Ainda antes-da-ordem-do-dia Jorge Carvalho da APU pediu que finalmente fossem respondidos uma série de requerimentos enviados à Câmara por aquela organização política há cerca de um ano. Foi ainda aprovada uma moção em que a Assembleia se congratula pela saída da lei das finanças locais.

No cumprimento da ordem de trabalhos foi aprovado o 2.º Orçamento Suplementar referente às despesas da Câmara, que prevê a concretização de duas novas obras consideradas de grande importância: o prolongamento para Sul da rua 20 e a construção de habitações em Paramos. Jorge Carvalho da APU propôs que o orçamento baixasse ao Conselho Municipal para que este desse o seu parecer, o que viria a ser rejeitado.

Foi também aprovado o novo orçamento extraordinário do Turismo, na sequência da qual surgiu uma moção, também ela aprovada, em que a Assembleia Municipal se congratula pela colmatação do déficit de verbas existente relativamente ao plano de actividades e protesta junto da Direcção Geral de Turismo por não ter tornado possível a superação das diferenças existentes entre o plano de actividades da Câmara e o plano da Solverde.

RIFAS DA NASCENTE

6.ª semana — Extracção de 12/10/78

836	1.000\$00	Joaquim Gomes de Sousa
036	100\$00	Benvinda Fernandes Pena
136	100\$00	Estefânia Brandão
236	100\$00	Fernando Sousa Brandão
336	100\$00	José Peres Bizarro
436	100\$00	Ricardo Sousa Pinto
536	100\$00	Floreano Fernandes Enes Vale
636	100\$00	José Salvador
736	100\$00	Alberto Vieira
936	100\$00	João Cardoso Borges

COOPERATIVISMO

Assembleia Geral da COOPESPINHO

— Reuniu no passado sábado a Assembleia Geral da Coopespinho registando-se a presença de mais de 50 dos seus 150 sócios. A sessão foi francamente participada com os associados verdadeiramente interessados em colaborar na solução dos problemas da Cooperativa.

Depois dos esclarecimentos prestados sobre a proposta dos Corpos Gerentes para a concretização do aluguer das instalações da sua primeira loja na rua 62 n.º 330, esta foi aprovada por unanimidade numa manifestação de confiança pelo trabalho que tem sido desenvolvido.

De salientar que tenham sido os próprios associados a querer saber se não haveria necessidade de um maior apoio financeiro por parte dos sócios face aos previstos encargos com obras e instalações e para a movimentação comercial, tendo-se manifestado uma verdadeira disposição de responder favoravelmente às iniciativas que a Direcção disse ter intenção de lançar e que irão desde a campanha de sócios, em que cada sócio proponha outro sócio, até ao auto financiamento ou empréstimo entre os sócios. A Di-

recção informou ainda que a partir de agora haverá quem atenda os sócios nas instalações da Coopespinho às terças e quintas-feiras das 18 às 20 horas e das 21,30 às 23,30 horas e aos sábados das 16 às 18 horas.

Por último os sócios foram convidados para uma jornada de trabalho no próximo sábado a partir das 15 horas, e no domingo a partir das 9 horas, havendo logo ali quem manifestasse adesão ao convite.

Ernesto Ferreira

ODONTOLOGISTA

Boca e Dentes

Rua 18 n.º 582 - 1.º Dto.
Telef. 921408 — ESPINHO

PRECISA-SE

Quarto em Espinho,
para funcionário
judicial.

Falar com Duarte,
Tribunal de Espinho

ARREMATACÃO

A Repartição de Finanças anuncia que terá lugar na rua 2 — Parque de Materiais da Misericórdia — no próximo dia 26 de Outubro, pelas 11 horas, uma arrematação de diversas máquinas e utensílios, de que se destacam 2 betoneiras, 4 vagonetas, várias moto-bombas, motores e guinchos, um compressor e ainda um lote de sucata diversa.

A base total de licitação é de 18.300\$00.



Dia 19, Quinta-feira
100 MANEIRAS DE AMAR
M/ 13 anos

Uma agradável comédia americana, bem estruturada no seu conjunto e com um elenco simpático, Elliott Gould e Diane Keaton, é o que se poderá dizer desta realização de Norman Panama. As relações entre casais modernos têm sido objecto de comédias semelhantes, na sua maior parte sem graça, facto que, felizmente, esta supera brilhantemente.

NOTÍCIAS DA NASCENTE

É QUE VEM AÍ O CINANIMA 78...

Atendendo a que a organização do «CINANIMA 78» envolve certa responsabilidade, avisam-se todos os associados da «Nascente» que, nas entradas para todas as actividades daquela organização, será exercido um controlo muito rigoroso, pelo que se aconselha a todos aqueles que ainda o não fizeram, para, além de terem as quotas em dia, se munirem do respectivo cartão de associado. Bastará para o efeito entregarem na secretaria duas fotografias, com antecedência. O horário de funcionamento da secretaria é, de segunda a sexta-feira das 18 às 19 horas e das 22 às 23 horas e aos sábados das 16 às 18 horas.

A B. A. DO SÓCIO

Quanto é que o leitor, que também é sócio da Nascente, paga de quota mensal à Cooperativa?
30\$00? 20\$00? 15\$00? 10\$00?
Tem a certeza de que tem as suas quotas em dia? Sabe qual é a despesa média mensal da Cooperativa? Se lhe dissermos que ultrapassa em muito os 50 contos, acredita?

Sabia que, por exemplo, a secção fotográfica não dispõe de qualquer «flash» para o seu serviço, e que um seu recente pedido para a aquisição desse aparelho não pôde ser satisfeito, por razões que têm a ver com estas perguntas? Acha que 150 contos fariam um bom jeito à Nascente? E se lhe dissermos que 150 contos é precisamente tanto quanto é possível receber ainda em quotas até ao fim deste ano? Quotas que se não forem pagas representarão uma grave perda para a Cooperativa...

Sabedor de tudo isto, esperamos que faça pelo menos duas coisas: pagar as suas quotas e insistir junto de algum amigo ou familiar para que o imite. Nessa noite poderá dormir descansado: terá feito a sua B. A. do dia.

T. P. E. EM ACTIVIDADE

O Teatro Popular de Espinho deslocou-se no passado domingo 15 a S. João da Madeira, a fim de participar no II Festival de Teatro Amador daquela vila.

O T. P. E. levou duas peças de Miguel Cervantes: «O Soldado Vigilante» e «O Retábulo das Maravilhas». A Radiodifusão esteve presente e gravou algumas passagens das peças. No final, entrevistou alguns membros do grupo, onde estes expuseram algumas das carências com que se debate o T. P. E. e a Nascente em geral.

Ainda este mês o T. P. E. dará mais 3 espectáculos em Espinho (na Piscina), no próximo dia 28 sábado, com as peças: «Um Rei com Crista de Galo» que será representado à tarde pelas 15 horas e «O Soldado Vigilante» e «O Retábulo das Maravilhas» pelas 21,30 horas. Estes espectáculos são de apuramento para o Festival de Teatro organizado pela CGTP — Intersindical, que para isso fará deslocar a Espinho um júri de selecção.

Dia 20, Sexta-feira
O ADVOGADO DO DIABO
M/ 13 anos

Em nova versão cinematográfica, a conhecida obra de Morris West é de novo apresentada para mais uma vez tentar captar as atenções das pessoas que a leram em altura oportuna. Se já de si o livro é de um interesse muito limitado, a presente adaptação em nada contribui para atrair novas motivações para um mais profundo conhecimento daquele «best-seller». É uma decepção para todos aqueles que vão comparar o filme com o livro, apesar do número considerável de actores de primeiro plano, sob a direcção do sofrível Guy Green.

Dia 21, Sábado
OLHO POR OLHO...
DENTE POR DENTE
M/ 14 anos

Neste dia da semana e quando se trata de «côboiada à italiana» é quase infalível ser a dose requeitada. Mas para quem é, bacalhau basta. (se o houvesse)

Dia 22, Domingo
EMILY ADORÁVEL EMILY
M/ 18 anos

Os intervenientes nesta fita, tanto a parte técnica como os intérpretes, são para nós totalmente desconhecidos. Não ad-

mira, pois apesar de se tratar de uma produção de relativo vulto, é de tema erótico-pornográfico. Quem gosta do género «é um ferrinho», não falha.

Dia 24, Terça-feira
GOLPES MORTAIS
M/ 18 anos

«Kung-fu» com pontapés, murros, cabeçadas à descrição e para todos os gostos. Vai ser um fartote para aqueles que «não falham a um». E nós pr'áqui a prègar aos peixinhos...

Novos estatutos da Banda União Musical Paramense

O grupo de associados constituído por nove elementos, mandatados pela Assembleia Geral, na última reunião, começou os trabalhos com vista à alteração dos Estatutos, de modo a torná-los mais actuais e a permitir à Colectividade maior amplitude de actividades.

As reuniões realizam-se semanalmente, em princípio marcadas para as 21 horas das segundas-feiras.

Filomena Maia Gomes

— ADVOGADA —

ESCRITÓRIOS
R. 31 de Janeiro, 45.2.º — Tel. 21939
PORTO
R. 19 n.º 343, 1.º-Sala E — Tel. 922964
ESPINHO

Pintura de automóveis

com rapidez e perfeição

Alzira Pereira de Azevedo

Garagens: SOUSA e S. PEDRO

Mare Viva

SEMANÁRIO

Propriedade :
NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número :
António Santos, Augusto Mota, Dário Capela, Eugénio Morais, Fernando Valadas, João Barrosa, Joaquim Fidalgo, Jorge Santos e Victor Sousa, Fernando

Composição e impressão :
TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Director :
ANTÓNIO SANTOS

Redacção :
RUA 62 N.º 251 - 1.º
TEL. 921621 — ESPINHO

ESTA CIDADE



Mãe
lá na escola
todos me acusam
de ser pobre.
Eu sou pobre, mãe?

— Não meu filho
tu não és.

Mãe
lá na escola
riscam-me os livros
e a sacola
Eu sou pobre, mãe?

— Não meu filho
tu não és.

Mãe
lá na cidade
todos me falam
sem vontade
Eu sou pobre, mãe?

— Não meu filho
tu não és.

Mãe
lá na cidade
não tenho amigos
de verdade
Eu sou pobre, mãe?

— Não meu filho
tu não és.

Mãe
as minhas mãos
são diferentes
das demais
Eu sou pobre, mãe?

— Não meu filho
tu não és.

Mãe
as minhas mãos
tremem muito
esta manhã
Eu sou pobre, mãe?

— Não meu filho
tu não és.

Mãe...
Uma menina
deu-me um beijo
e eu corei
Eu sou pobre, mãe?

— Não meu filho
tu não és.

Mãe...
Uma menina
deu-me uns lábios
que eu beijei
Eu sou pobre, mãe?

— Não meu filho
tu não és.

Obrigado mãe.

Fernando

QUÍMICOS

Transformar um fracasso em vitória

As primeiras notícias sobre a adesão à greve dos Químicos no passado dia 3, em Espinho, não eram nada animadoras. Resultados posteriores vieram confirmar o que já se sabia: na nossa terra, praticamente ninguém fez greve, não obstante o intenso trabalho de preparação que o Sindicato local procurou fazer. Alguma coisa falhou. O quê?

A nível nacional, a greve foi um êxito maior do que se esperava. Cerca de 90% dos trabalhadores paralisaram, em luta por melhores condições de trabalho e de salário. Em fábricas importantes e com níveis salariais superiores aos médios, a adesão à greve rondou os 100%: na Mabor, na Fapobol de Sto. Tirso, na Uniteca, de Aveiro, na (pasmese!) Têxtil Manuel Gonçalves, protagonista de muitos casos e especulações, pelos vistos nem sempre verdadeiras. No Norte, em geral, houve uma adesão de 75%.

Então, e Espinho? Porque é que falhou?

Uma longa conversa com o Sr. Ferreira, da Direcção do Sindicato dos Químicos, tentou ajudar-nos a perceber as razões deste relativo fracasso que, se bem meditado, pode ser uma boa lição e uma vitória para o futuro.

— Em Espinho tudo estava preparado para que o dia de luta fosse um êxito, como foi no resto do país. A desmobilização total que, de facto, aconteceu à última hora, deve-se sobretudo a manobras sujas e mentirosas por parte dos patrões... Deve-se também, não interessa esconder, a uma certa fraqueza por parte dos delegados sindicais em se deixarem levar por essas cantigas dos patrões, que só pretendiam dividir os trabalhadores e impedir uma greve justa. Aliás, num plenário de delegados que aqui fizemos, foi re-

so-Celulóide, deram aumentos entre 1.000\$00 e 420\$00; ora este último aumento fica 1.430\$00 aquém do previsto no CCT. Além disso, os delegados sindicais não tiveram qualquer aumento.

Ora coisa grave que sucedeu foi esta: o patrão da fábrica faz parte da Associação Patronal encarregada das negociações. No dia 3, dirige-se aos trabalhadores e diz-lhes que na última reunião em Lisboa tinha ficado combinado que sairia uma Portaria de Regulamentação de Trabalho, e portanto o problema estava resolvido. Já não havia razão para a greve. Ora nós, Sindicato, temos cópia da acta dessa reunião e podemos afirmar que isso é uma perfeita mentira, como de resto já veio nos jornais diários. Mas todas essas coisas, a par de ameaças mais ou menos veladas, fizeram com que os trabalhadores desmobilizassem.

Temos gosto em registar que, nesta fábrica, um dos delegados dos metalúrgicos aderiu à greve, pois o CCT a negociar é vertical.

EUROSPUMA

Na Eurospuma, segundo nos foi relatado, as coisas passaram-se de maneira semelhante: foram concedidos aumentos até um máximo de 1.200\$00, dando uma média de 12% de aumento, contra os 18% pedidos no novo Contrato. Também aqui foi utilizada a mentira quanto à PRT.

— Houve ainda 28 casos de reclassificação, melhorando a situação de alguns, para impedir a paralisação. Além disso, no dia 3 de manhã, dois trabalhadores mandados pelo patrão andaram junto das mulheres, e só das mulheres, a ameaçá-las que, se parassem, eram despedidas, pois a greve era ilegal, já tinha ficado decidida a publicação de uma Portaria, etc., etc.

Aniversário da Delegação de Reformados — Poder local alheou-se

Com a presença de cerca de duzentos reformados, realizou-se no passado sábado, no salão da Piscina, uma sessão comemorativa do primeiro aniversário da Delegação de Reformados de Espinho.

Para além da presença de representantes da Associação de Reformados de diversos pontos do País, a nota saliente terá sido a comparência de vários dirigentes de Sindicatos da região, que ali estiveram a reiterar o seu apoio à luta dos reformados por melhores condições de vida.

Ao inverso, houve a lamentar a ausência de quaisquer representantes do poder local, que, da Câmara e Assembleia Municipal às Juntas de Freguesia, não corresponderam aos convites que lhes foram dirigidos.

Registaram-se intervenções de

representantes de associações sindicais que, desde o Secretário da União dos Sindicatos do Porto aos Sindicatos dos Químicos, Metalúrgicos, Corticeiros e Cordoeiros, saudaram os reformados ali presentes e reafirmaram a sua solidariedade activa para com a sua luta. A participação dos trabalhadores no activo nesta sessão prolongou-se ainda com uma intervenção dum elemento da Comissão de Trabalhadores da Fosforeira Portuguesa.

Discursaram em seguida os representantes das Associações de Reformados de Coimbra, de Guimarães, o presidente da Associação do Porto a que pertence a Delegação de Espinho, que salientaram o significado daquela data e chamaram a atenção para as tarefas que se colocam imediatamente aos

reformados.

A intervenção dum elemento da Comissão Coordenador do M.U.R.P.I. (Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos) que salientou a necessidade de os reformados participarem, com os trabalhadores no activo, na definição da política de assistência e segurança social, seguiu-se a leitura das principais conclusões do Encontro Nacional realizado em Maio e, a fechar, uma vibrante intervenção do presidente da Delegação de Reformados de Espinho, que de uma maneira bastante simples chamou a atenção para as injustiças de que são alvo os reformados.

A sessão terminou cerca das 17,30 horas, saldando-se numa excelente jornada de luta e de reforço da organização dos reformados da região.

NOTA

A Direcção do Sindicato dos Químicos tomou posse há um ano. Na passagem deste primeiro aniversário, quis expressar ao «Maré Viva» o seu agradecimento pela forma como este jornal tem acompanhado e apoiado todo o trabalho desenvolvido na zona de Espinho em favor dos trabalhadores químicos, servindo como um importante meio de divulgação.

Pela nossa parte ficamos

conhecido o erro e estão todos dispostos a continuar a luta com força e com vontade.

Uma análise rápida das principais fábricas espinhenses ligadas ao ramo dos Químicos foi o que o Sr. Ferreira fez a seguir, relatando diversos factos que se passaram no dia da greve.

LUSO - CELULÓIDE

— Uma das táticas mais utilizadas pelos patrões para desmobilizar os trabalhadores foi aumentar-lhes ligeiramente os salários, por alturas da greve ou um pouco antes (que a luta já se arrasta há muito tempo). Simplesmente esses aumentos são muito inferiores aos previstos no novo CCT que queremos negociar, e os trabalhadores são prejudicados. Na Lu-

satisfeitos com este agradecimento, não por vaidade, mas por uma certa consciência de dever cumprido num dos capítulos fundamentais do nosso trabalho: o apoio activo e desinteressado a todos os trabalhadores da região, particularmente através dos sindicatos que na realidade os representam e acompanham nas tantas lutas que houve e ainda há a travar.

CETAP

— Nesta fábrica houve alguns indícios de luta. Quatro trabalhadores chegaram a tentar fazer greve, mas como lá nunca houve grandes lutas, eles temeram ficar mercadores na casa. Houve ainda a circunstância infeliz de os três delegados dos químicos estarem doentes em casa, um já há dois meses, outro há um mês e tal, outro por se ter esbarrado de moto no dia anterior, estando neste momento ainda de baixa. O patrão não deixou também de ameaçar os trabalhadores, sobretudo em relação ao futuro. Cria-se assim um certo clima de medo, que é o que ele quer, para ver se os trabalhadores não participam noutras lutas que venham a ser necessárias.

continua na página 4

ALFAIATARIA MANO

José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo o serviço para homem, senhora e criança

Rua 30 n.º 731 — ESPINHO
Telef. 921823

SACOS DE PAPEL E
PAPEIS DE EMBALAGEM
DE TODAS AS QUALIDADES
FIOS DE SISAL E NYLON

Rogério Pinto Moreira, L.^{da}

Telef. 967079
S. Paio de Oleiros

FÁBRICAS



ETC. E TAL

Uma Câmara Municipal

Ora aqui está uma iniciativa que não devia ser posta de lado sem mais. Li num jornal desta semana que a Câmara do Seixal publicou no seu último boletim (tem um boletim) detalhadas informações e esclarecimentos sobre a lei que rege as relações senhorio-inquilino e tudo o que se prende com o arrendamento de uma casa. O «Maré Viva» tem já apresentado muitos casos de problemas com senhorios, e muitíssimos outros existirão em Espinho. Por outro lado, é mais que sabido que os senhorios gostam de tirar partido da ignorância das pessoas quanto a questões legais. E um advogado custa sempre dinheiro...

É louvável que uma autarquia local, eleita pelo povo para defender os seus interesses e promover a sua qualidade de vida, mostre com acções concretas a preocupação que tem pelo bem-estar dos munícipes. Uma das maneiras é esclarecer. E ninguém melhor para esclarecer do que os mais profundos conhecedores (e até executores) da lei.

A Igreja Católica não permite que tenha cerimónias religiosas todo aquele que morra em virtude de ter cometido suicídio. Entende que se morre em situação de pecado, pois se atentou contra a vida humana, ainda que a própria. Independentemente das reservas que tal lei, aplicada sem discriminação, possa suscitar, realça-se uma excepção na muita tradicional Madeira, até pelas implicações políticas que não

Suicida na Igreja

pode deixar de ter. O soldado Alírio Fernandes, uma espécie de herói da organização separatista FLAMA, preso por actividades ilegais associadas com essa organização, enforcou-se na cela da prisão. Já durante o funeral o defunto teve direito a cerimónias religiosas, até com missa de corpo presente. Com isso tentaria a Igreja, diz-se, contrariar a versão oficial de suicídio. Mas... com que direito? E se o morto fosse outro, teria recebido o mesmo tratamento?

Os nossos Irmãos de lá

Sérgio Gameiro está semi-paralítico e cego devido às torturas que sofreu durante a sua prisão no Rio de Janeiro. A denúncia das atrocidades cometidas e permitidas pela ditadura brasileira já não é feita só pela Amnistia Internacional ou por grupos antifascistas. Um ministro do Supremo Tribunal Militar, Júlio de Sá Bierrenbach, condenou publicamente, no tribunal, a prática de tortura por parte da «minoría depravada que actua dentro da polícia do Rio de Janeiro, que inexplicavelmente, para nossa vergonha, continua sem castigo e em pleno exercício das suas funções». Disse ainda que as autoridades brasileiras, «além de actuarem com bárbaras torturas, como queimaduras, fracturas e lesões permanentes, fazem acusações aos tribunais utilizando documentos falsos ou sem assinaturas».

Mas claro que Geisel não sabe de nada! Nem o futuro presidente Figueiredo, responsável por uma espécie de serviços secretos! Então se o nosso Silva Pais nem sequer sabia bem ao certo o que era isso da PIDE...

QUÍMICOS:

Transformar um fracasso em vitória

continuação da página 3

HÉRCULES

Caso muito semelhante ao da Luso-Celulósido. Também aqui o patrão faz parte da comissão negociadora e serviu-se dessa situação para voltar com a mentira da tal portaria. Além de que se pôs a dizer pela fábrica que não era merecedor de uma coisa daquelas... No que se refere a aumentos, foram feitos na ordem dos 800\$00 em média.

Já se entrou em contacto com a Associação Patronal e com o Ministério para que venham sentar-se à mesa e prosseguir as negociações. Caso saia no futuro uma PRT, é certo que muitos trabalhadores tenham aumentos de 800\$00 ou 1.000\$00. Mas alguns até já nem vão buscar nada. E verão, a partir daí, que foram levados pelas casas onde trabalham. Nas situações que eu referi atrás, não foram as casas que deram aumentos; cada trabalha-

dor é que deu aumento de capital às casas, na ordem de 850\$00 por mês em média, que é o que receberão a menos, não sendo aprovado o novo Contrato.

Brevemente haverá um plenário geral de delegados, no Porto, para fazer o ponto da situação. E aí teremos de fazer ver que um delegado sindical não pode querer só o nome de delegado; tem de desenvolver um trabalho e uma acção forte para que os outros possam ver que ele não luta só por si mas por todos os outros trabalhadores da fábrica. No caso desta greve, os delegados, na sua boa fé, confiamos demais no que os patrões diziam. E hoje reconhecem o seu erro, sobretudo ao verem que a adesão no país foi de uns 90% e cá foi praticamente nula. Mas reconhecem o erro, consideram que foi uma boa vitória para os trabalhadores em geral e estão dispostos a ser mais firmes de futuro.

Ainda a Companhia

— PATRÃO A CONTRAGOSTO

A companhia sempre teve patrões que, na maior parte dos casos tudo fizeram para explorar ao máximo o pescador que deles dependia para conseguirem ganhar algum. Hoje, as histórias da exploração de décadas estão ainda presentes nas recordações dos mais velhos e nas condições de vida que em muitos casos continuam essencialmente na mesma. Dizem uns que a pesca hoje já nem dá para o patrão poder explorar e que ele quase sempre se arrisca a ter que aguentar com o prejuízo. Outros lembram que «ninguém anda aqui para perder o seu, se isto não desse já cá não andavam». Um dos patrões de hoje diz de sua justiça:

— Isto hoje deu 3.465\$00, o que é o mesmo que dizer que está uma miséria. Pôr isto a funcionar foi um capricho meu há cinco anos, quando me meti nisto, senão já tinha acabado. Quando a resultados, olhe, os anos de 73 e 74 foram jeitosos, mas daí para cá só deu prejuízo.

Dizia-se que o Turismo ia apoiar a companhia...

— Ah, sim, o Turismo lá promessas fez, mas dar nunca deu nada. Prometeram-me em 1973 que subsidiavam a compra de uma rede, mas nada. O que lhes dá é para subsidiar concursos hípicas, que não trazem vantagem nenhuma para a terra, mas a pesca que toda a gente sabe que é o cartaz turístico número um não subsidiam nem com um tostão.

E que possibilidade vê para isto no futuro?

— Mudar de sistema de pesca, deixar o processo artesanal, não é possível, porque não temos bacia, o mar não tem entrada que dê para um porto, como em Matosinhos ou na Póvoa. Os pescadores também são uns ingratos, muitos deixam a companhia ao fim de algum tempo e eu fico sem a massa e sem os homens para trabalhar. Portanto, o que lhe posso dizer é que isto continuará enquanto existirem parolos para tomarem conta disto, enquanto quiserem aguentar o prejuízo.

CONTRATO DE COMPANHIA

Os pescadores da companhia são contratados por um ano, durante o qual, em princípio, não podem abandonar esse trabalho, mesmo que o mar não deixe pescar. Quando são contratados, os pescadores recebem a «soldada», uma quantia variável de dinheiro, que pode dos 15 aos 30 contos, uma espécie de «luvas» que marcam o seu compromisso com a companhia. Além desse dinheiro inicial, recebem ainda uma «teca» no fim de cada dia de trabalho, e que é igual para todos, na base de 3\$00 por cada 3 contos de receita na pesca desse dia (se houver pesca...). No fim do mês essa teca é-lhes descontada no dinheiro que têm a receber como percentagem de todo o peixe

pescado durante esse período. Esta percentagem é variável, sendo nuns casos de 8\$00 em cada mil, noutros 7 e noutros 6. Isto significa que numa época boa, como aquela que há anos rendeu cerca de 3.500 contos, o pescador não chega a receber 30 contos de percentagem, mais a soldada inicial. Num ano mau, o resultado é a fome e o aumento das dívidas na loja para pagar com a soldada do ano seguinte e começar outra vez do zero. Os pescadores tem hoje direito a assistência médica e abono para os filhos, e os seus descontos são superiores a 16%. Quanto a seguro, ou não existe, ou cobre apenas uma parte muito pequena das despesas.

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Notária: Maria Fernanda de Vasconcellos de Aguiar da Fonseca e Castro.
«RODRIGUES & CAMARINHA, LIMITADA»

Certifico que por escritura de 7 de Outubro de 1978, lavrado de folhas 130, verso a 131, verso do livro de notas para escrituras diversas E-11, deste cartório; Joaquim de Oliveira Rodrigues, e Manuel Mendes Camarinha, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma «RODRIGUES & CAMARINHA, LIMITADA», e tem a sua sede e estabelecimento na Rua Dezasseis, número noventa e um, desta cidade, freguesia e concelho de Espinho, durará por tempo indeterminado a partir de hoje.

Parágrafo Único — Por simples deliberação da Assembleia Geral e nos casos em que a lei o permita, poder-se-á mudar a sede para outro local.

Segundo — O seu objecto é a prestação de serviços técnico-profissionais de contabilidade e sectores afins, bem como qualquer outro ramo de negócios nos termos legais e de acordo com o deliberado na Assembleia de sócios.

Terceiro — O capital social,

integralmente realizado em dinheiro, é de cinquenta mil escudos e corresponde à soma de duas quotas iguais de vinte e cinco mil escudos cada uma, pertencentes a cada um dos sócios.

Quarto — A gerência da sociedade será exercida por ambos os sócios mediante retribuição ou não, consoante deliberação da Assembleia.

Parágrafo Único — Os actos de mero expediente poderão ser praticados por qualquer dos sócios mas os que obrigam a sociedade conterão sempre a assinatura de dois gerentes.

Quinto — A cessão de quotas entre os sócios é livre, mas a cedência a estranhos terá de ter a concordância do outro sócio, sendo o valor da quota determinada por balanço efectuado na altura.

Sexto — As Assembleias Gerais são convocadas por carta nos termos legais com a antecedência mínima de oito dias, salvo quando a lei exigir maior prazo.

Adverti os outorgantes da obrigatoriedade do registo deste acto no prazo de três meses.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL

Espinho e cartório notarial, 7 de Outubro de 1978.

A Ajudante do Cartório
Benilde de Almeida Paiva Silva

CAFÉ E RESTAURANTE COPELIA

Almoços e Jantares
Serviço à lista
Especializado em
Casamentos e Baptizados
Grande Variedade de
Petiscos
Rua 23 n.º 808 - Tel. 923152
ESPINHO

SOCIEDADE MALHAS COPITEX LDA.

Confecção de Malhas para
Criança e Adulto
Rua 22 n.º 1200
Apartado 76 ESPINHO

QUIOSQUE SUBTERRÂNEO

Jornais - Revistas - Tabaco

A SUA MÃO

na passagem sob a via férrea

Talho e Charcutaria CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

Maré Viva

O JORNAL DA REGIÃO

FARMÁCIAS

Quinta — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331
Sexta — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250
Sábado — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320
Domingo — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092
Segunda — Farmácia Teixeira — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352
Terça — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331
Quarta — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250

DAMAS são já no sábado

Continuam abertas as inscrições para o torneio de damas que o «Maré Viva» organiza e que se destina a apurar os quatro damistas que representarão o concelho no primeiro «Torneio de Damas de Espinho», a realizar em Novembro, e que reunirá alguns dos melhores praticantes do distrito.

Como já dissemos há oito dias, o número de inscrições é limitado, pelo que prevenimos os interessados para se inscreverem o mais cedo possível, tanto mais que sabemos de número significativo de damistas que tencionam fazê-lo brevemente.

Lembramos mais uma vez que este pré-torneio se realizará no próximo sábado, a partir das 15 horas, nas instalações da Cooperativa Nascente e que será indispensável a comparência à hora marcada, sem a qual a participação dos concorrentes poderá ser recusada.

JOÃO FÉLIX DE PÉS BEM ASSENTES:

«SÓ PROMETEMOS LUTAR JOGO A JOGO, PONTO A PONTO»

Isolada no primeiro lugar, com um saldo de golos invejável, a equipa de juniores do Sp. de Espinho fez a «prova dos nove» no sábado, em Lourosa, arrancando uma vitória por 2-0 frente à equipa com que vinha dividindo o comando da zona B do Nacional da I Divisão e, ainda por cima, enfrentando um ambiente mais do que intimidativo.

Os espinhenses que se interessam por estas questões de futebol perguntarão como é possível que, depois de vários anos de comportamento discreto, apareça esta equipa de juniores a vencer sucessivamente os Distritais da II e I Divisão de Aveiro (no que foi acompanhada pelos juvenis na época passada) e fazer agora esta carreira no Nacional. E não deixaram também de perguntar até onde pode ir esta equipa.

Para responder a estas per-

guntas ninguém mais indicado do que João Félix, o orientador (e não treinador, segundo as suas palavras) dos juniores espinhenses: «Esta melhoria de resultados no futebol amador do SCE tem como primeira explicação a criação de melhores condições materiais, de treinos, dum apoio financeiro maior e, sobretudo, do excelente trabalho que Meireles e Fonseca têm feito junto dos miúdos entre 8 e 12 anos, bem como da dedicação de Fernando Cepela nas idades imediatas. Mas claro, como não se fazem omeletas sem ovos, têm simultaneamente aparecido bons valores, o que permite apresentar estes resultados. Isto não quer dizer que daqui a algum tempo não haja uma recessão de valores e o consequente abaixamento da produção competitiva. Em qualquer circunstância o trabalho continuará e para isso contamos com uma adesão crescente às nossas escolas de jogadores».

e esperamos que continue assim a apoiar a equipa sem lhes criar o tal espírito de «campeonite» que só prejudicaria os rapazes».

O orientador dos juniores espinhenses referiu-se então às dificuldades que pode trazer no aspecto financeiro para o futebol amador o facto de a equipa principal ter baixado à II Divisão: «A diminuição de receitas é bastante grande — o jogo com o Aliados deu 36 contos! — mas têm sido feitos todos os esforços para que continue a haver o essencial. Recorreu-se até a uma Comissão de Apoio ao Futebol Amador, que entre outras iniciativas, editou um auto-colante que é vendido à entrada dos jogos».

SÃO JOVENS,
NÃO PROFISSIONAIS

Voltou-se à equipa e ao campeonato: «A equipa tem correspondido totalmente e nos próprios jogos não nos podemos queixar da falta de sorte. Isto não impede que aconteça um desaire frente a uma equipa até modesta, pois não nos esqueçamos que se trata de jovens e não profissionais. Claro que temos hipóteses de nos classificarmos para a fase final, embora não tenha ilusões sobre o que acontecerá frente a equipas como o Benfica, o Porto ou o Sporting. Mas já será muito bom chegar lá, até pelas receitas desses jogos que chegarão quase para cobrir as nossas despesas».

Uma outra esperança que tenho é a de que estes êxitos possam chamar para as nossas escolas jovens com valor, sobretudo os das freguesias vizinhas a quem a dimensão do S. C. Espinho lhes parece ser inacessível. Julgo mesmo que seria excelente arranjar-se neste e noutros aspectos uma colaboração com os clubes populares das freguesias.

Quanto a esta equipa, repito que as nossas promessas não poderão para já ir além do compromisso de continuarmos a competir digna e correctamente por um bom resultado em cada jogo, com os jovens bem conscientes que não é de ânimo leve que se veste uma camisola com 64 anos de idade».

João Félix já mostrou o seu trabalho. Nunca esquecendo que em primeiro lugar está a sua profissão de bancário, enquanto puder e o acharem capaz, continuará no futebol. Até porque é uma coisa de que gosta.

HOMENAGEM DO C. A. E. A MANUEL FERREIRA (Ferreirinha)

Decorreu no passado domingo a homenagem a Ferreirinha, que teve lugar no campo da Avenida, que se apresentou bastante despido de público.

Do programa faziam parte dois jogos, o primeiro entre as equipas A e B do Clube Académico de Espinho, que os «BB» venceram por 3-2, e o segundo entre as velhas guardas do CAE e do SCE que estes venceram por 5-2. A finalizar um beiberete que reuniu todos os intervenientes nesta festa.

As equipas apresentaram:

SCE: Casal, Massas, Alcobia I, Silva, Lopo, Capela, Oscar, Luciano, Loureiro, Dário e Toni.

Jogaram ainda: Maia, A. Silva, Teixeira e Alcobia II.

CAE: Jaime I, José Gomes, Ferreirinha, Djalma, Franquelim, M. José, Silva, Ventura, Dieste, J. Pinhal e Águas.

Jogaram também: Durval,

Pinto, J. António, Adrlano, Ceileiro, Pedro, Moreira, Rodrigues, Jaime II, Beto, Freitas e Gaspar.

Golos: Capela, Toni, Maia (2) e A. Silva pelo SCE.

Ventura (2) pelo CAE.



FERREIRINHA, UMA DEDICAÇÃO AO C. A. E.,
ENTRE AS «VELHAS GUARDAS»

ANDEBOL

A. S. Mamede, 15

S. C. Espinho, 18

SCE: Capela, Pinto I, Orlando (1), Canelas, Alfredo (8), Madureira (4), Paulo, Godinho (2), Mesquita (2), Sampaio (1), Simões e Pinto II.

Depois da 3.ª jornada a equipa espinhense aparece, para alguns um tanto surpreendentemente, isolado no 2.º lugar, logo atrás do F. C. Porto. Julgamos que tal não é obra do acaso e que o SCE tem valor para ocupar um bom lugar no final do campeonato. A ver vamos.

STAND SERZEDENSE

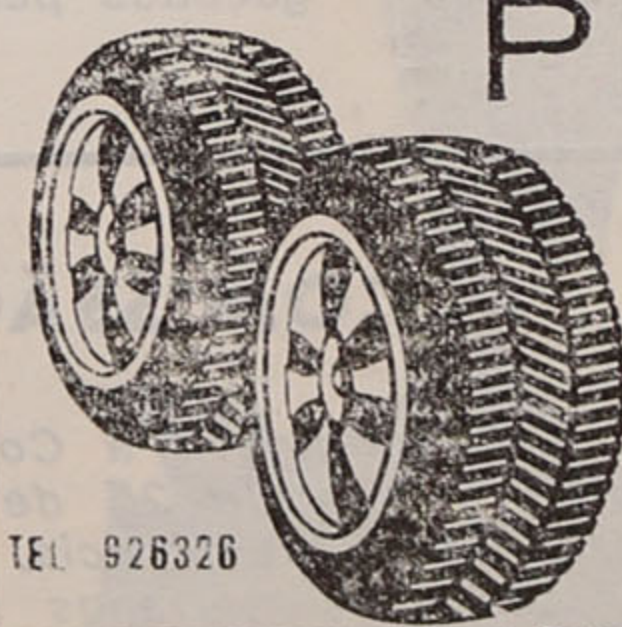
António Martins da Silva

Assistência Total

Agente: SACHS SIS — EFS

Tel. 9620675 — SERZEDO

V. N. DE GAIA



TEL. 926326

PNEUS CAR

Centro de Vendas de Pneus
Nacionais e Estrangeiros

Assistência Técnica

- Alinhamento de Direcções
- Vulcanização de Câmaras
- Equilíbrio de Rodas

Rua 18 n.º 1010 — ESPINHO



Pá velha

Confeitaria

Especialidades Regionais — Pastelaria sempre fresca

Angulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275

Telef. 920413

ESPINHO

CASA RAICA

Modas e Confeccões

RUA 62 N.º 101

ESPINHO

GARAGEM AVENIDA

MANUEL DA SILVA RIBEIRO, LDA.

Reparações Mecânicas e Eléctricas de todas as viaturas

Serviços especializados de Chapeiro e Pintura

Alinhamento de direcções — Equilíbrio de rodas

Venda e assistência dos pneus «FIRESTONE»

Lavagem automática — Reboque Permanente

Angulo da Av. 24 e Rua 29

ESPINHO

Telefs.: Oficina 921730 — Resid. 922097

VOLEIBOL

Começaram no passado fim-de-semana os regionais desta modalidade. E para tudo correr dentro da «normalidade» houve uma série de jogos adiados a pedido dos adversários das equipas espinhenses. Entre os adiados figurou o Fiães — SCE em seniores masculinos, pelo que a apresentação da equipa mais representativa dos tigris apenas terá lugar na sexta-feira, frente ao CDUP.

Falando dos jogos de 1.ª jornada, consideram-se normais as vitórias dos juniores masculinos e femininos do SCE por 3-0, sobre o Esmoriz e Nun'Alvares, respectivamente. Também normal será a derrota do feminino da AAE frente ao Fluvial por 3-1. Já a derrota dos seniores masculinos da AAE frente à Oliveirense também por 3-1 talvez não tivesse acontecido se não tem sucedido a saída forçada de Luis Correia por lesão grave.

MARÉ VIVA

A C O M P A N H A D E V I V A V O Z

PEIXEIRA QUE VENDES PEIXE, COMO É O TEU VIVER?

— Como é que se vende o peixe? Olhe é assim: o peixe é dividido em «tecas» pequenas e depois vai a lanços e cada uma compra aquilo que quer. Põem o peixe em montes, sardinha e carapau num lado, linguado, robalos, ruivos, lulas noutra. E há uma mulher que dirige a compra. Nós compramos um monte e só depois é que vamos contar para saber a como podemos vender. Mas isto agora não dá quase nada, nem chega para as peixeiras todas.

Então quando aqui não dá peixe vocês não vendem?

— Quando aqui não dá vêm cá as camionetas vender, de Leixões, de Aveiro, donde calha. Este ano aqui tem sido muito mau, tem dado pouco peixe e o pescador come daquilo que o mar dá. Tem sido um ano de fome. Que já houveram aqui quatro companhas, mas agora é só um barco pequeno. Os 3 ou 4 contos que têm feito não dá para nada, muitos tem ranchos de filhos, por isso havendo um trabalhito por fora eles aproveitam e depois não comparecem à companha. Mas olhe que ainda no ano passado houve aqui lanços de 70 e 80 contos e um até deu mais de 170.

UMA HISTÓRIA DA EXPLORAÇÃO

Em fins de Dezembro desse ano já distante, alguns sócios da companha, rodeados de pescadores, preparavam-se para chegar a acordo com os homens para a companha que iria começar daí a dias. Antes de se proceder à «matrícula» era necessário conversar com cada pescador e decidir sobre a «soldada» inicial que ele ia receber. Por proposta do sócio gerente, aprovada pelos restantes, foi decidido que as «soldadas» desse ano seriam mais elevadas do que era habitual, até para se conseguir os melhores homens. E assim se fez, com grande satisfação dos pescadores, pouco habituados a favores desse género. Tudo ficou escrito, numa lista com o nome e à frente o dinheiro que cada um ia rece-

ber por esse ano de «escravo» ao serviço da companha.

Só que, uns dias mais tarde, quando na presença do comandante da capitania se ia oficializar o contrato, os pescadores recusaram, um após outro, as «soldadas» que lhes eram apresentadas dizendo que não eram as que tinham concordado. E em breve se descobriu que, de facto, os sócios tinham decidido forjar uma nova lista, com «soldadas» mais baixas, porque chamado o sócio-gerente para explicar o caso, ele confirmou inteiramente as «soldadas» iniciais, saindo assim claramente desmascarada a manobra explorada de quem a tudo era capaz de recorrer para roubar mais uns patacos aos desgraçados pescadores.

A COMISSÃO QUE ACABOU

Quando houve a Comissão da Casa dos Pescadores, isto já depois do 25 de Abril, nós andámos a tratar de questões de Previdência, porque havia aí gente que chegou aos sessenta anos sem nunca saber o que era ter direitos como pescadores. E então nós aproveitamos para o que foi possível e agora quase todas têm esses direitos. Mas depois as pessoas estavam mais interessadas em resolver questões ligadas com as casas e tiveram medo que a Comissão andasse a tratar de entregar as casas, pôr de lá fora os moradores, e a coisa acabou. Agora não há Comissão, o povo que mais precisava dela é que não apoiou, as pessoas da Comissão e acabou. Mas hoje já há quem diga que se houvesse uma Comissão de Moradores, ou coisa do género, talvez isto fosse melhor e isto dá ideia que se pensasse nisso a sério talvez houvesse mesmo apoio. E ainda estamos muito a tempo disso, até porque os problemas principais estão por resolver. Enquanto não formos mordidos por outros ainda temos possibilidades disso.

A COOPERATIVA QUE NÃO HOUE

Houve muita gente interessada em levar isto para uma cooperativa mas os pescadores em si não estavam mentalizados para isso. Porque isto aqui sempre foi uma grande exploração e houve a chance do 25 de Abril mas os pescadores não souberam aproveitar porque não houve nenhum no meio deles que conseguisse avançar com a coisa e foram mais uma vez explorados pelos ditos senhores cá da terra. Há aí pescadores com muitos filhos e o seu nível de vida está-se a deteriorar cada vez mais. Se nós em Matosinhos não estamos lá muito bem, eles aqui ainda estão pior.

A maioria dos pescadores daqui trabalha em Matosinhos e dos que andam na companha alguns já lá tra balheram também. Mas isto da companha é uma espécie de vício que anda enraizado neles e deixam-se prender a isto. E aqui também arranjam lugar mais depressa pescadores de idade que lá talvez não pudessem. Mas há também rapazes novos que se fossem para lá tinham mais vantagens, para sustentar a casa deles. As condições de trabalho são muito mais razoáveis em Matosinhos e há muito mais possibilidades de se defender o «tacho» do que aqui.

Mas uma coisa é certa: se em Espinho tivéssemos possibilidades de ter um porto de mar, uma coisa ca-



COOPERATIVA — A CHANCE QUE NÃO APROVEITARAM

"OS HOMENS ACABARAM"

continuação da página 1

mar porque é composto de 22 homens e o arrais 23 e se só aparecermos 15 ou 16 não podemos. Ainda por cima há outros problemas, aqui este padrão faz-nos muita diferença, por vezes as pedras ficam soltas, a areia é pouca e não temos praia para trabalhar.

— Quer que lhe fale do que tem sido a nossa vida de pescadores? Para lhe contar o quê, só se for a miséria que a gente tem passado, e que nos têm explorado. Olhe que isto ainda há poucos anos deu 3.500 contos, num ano em que a Guarda Fiscal deixou de controlar isto e os patrões fizeram da gente uma miséria. Compraram logo carro para cada um e nós nada. Eles faziam que apontavam o peixe que dava mas não apontavam nada, e a gente chegava ao fim do mês e pensava que tinha 400 contos para partir e nem 300 tinha.

E que tal são as condições de trabalho?

— Isto é muito sujeito a acidentes. Eu quando me alejei há uns tempos ainda tive que pagar tudo do meu bolso porque nós nem seguro temos. Já tivemos mas agora não botaram a gente no seguro. Por isso andamos a trabalhar sem seguro.

E vocês sabem quanto é que isto dá em cada dia?

— Isso é muito difícil, o patrão é que toma conta disso e há também um moço que toma nota mas o patrão é que se entende lá com ele. A gente com o trabalho nem tem tempo de saber disso, o que queremos é mal acaba o lanço correr para o barco e aparelhar outra vez para ganhar mais algum. Depois se há quem diz que deu 8 e outro diz que deu 5 ou 4 a gente sabe o mesmo, não temos nenhuma informação certa. Chegamos ao fim do mês e é que nos dizem o que deu.

E isto qualquer dia acaba, não?

— Bom, eu estou em crer que há-de haver sempre alguém que dê uma mão, se não for este patrão é aquele. O que é também há muito pescador que antes quer ir para Matosinhos, que lá é melhor, e outros ajeitam mas é trabalhos em fábricas. Mas também é certo que agora não dá gosto nenhum trabalhar nisto.



FOI UM LANÇO DE TRÊS CONTOS E QUINHENTOS. A CADA PESCADOR CABEM 3\$00.

NASCENTE - CINECLUBE

Sábado, 21 — SALÃO DA PISCINA

21,30 horas

o filme «Sangue de Condor» de Jorge Sanjinés

Na Bolívia, Ignacio Maleku, um índio quechua, descobre um plano do «CORPO DA PAZ» para a esterilização maciça de mulheres de uma aldeia índia com a colaboração do governo boliviano.

Da reacção popular resultou a execução dos cabecilhas da rebelião, fomentada por Maleku.

LEIA AINDA NA PÁGINA 4



PORTE PAGO